



Acolhimento de mães indígenas na Universidade é tema de dissertação de mestrado

Divulgação Científica / Socias / Thiago Rodrigues Müller / 29 de junho de 2023

Educação | A partir da própria experiência e de entrevistas com outras mães indígenas, pesquisadora Rejane Paféj Kanhgág aponta a necessidade de melhorar a permanência dessas alunas na Instituição

*Foto: Arquivo Pessoal

Rejane Paféj Kanhgág foi a primeira indígena a ingressar no Programa de Pós-graduação de Psicologia Social e Institucional da UFRGS e também é mãe. Assim, partiu do vivido na instituição para compor a dissertação intitulada “Mulheres semente, *ĩnh kósin vy ĩnh mré konĩn jé*: experiências de mães indígenas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul”. Na dissertação defendida no final de março, Rejane mesclou experiências próprias e de outras mães indígenas que estudam na Universidade para avaliar como funciona o acesso e a permanência dessas estudantes.

“A universidade nos traz o melhor, ela dá acesso para esse espaço, mas ela nega uma permanência [a mães indígenas]”, explica. Segundo a pesquisa, para as Ações Afirmativas serem consideradas adequadas, elas devem ser constituídas por um diálogo com os povos originários. Isso implica que a instituição leve em conta suas temporalidades e seus modos de vida, que no caso da tribo Kaingang, da qual Rejane faz parte, se chama *Kanhgang Ég My Há* (o que os faz bem como Kaingang), assim como as noções de saúde, corpo e doença.

“A gente está redigindo a nossa história, trabalhando saúde a partir dessa linguagem, do ser indígena, dos modos de ser e viver indígena”

— Rejane Paféj Kanhgág

Para desenvolver o trabalho, a pesquisadora acompanhou o cotidiano das mães indígenas da Casa do Estudante Indígena (CEI) entre novembro de 2022 e janeiro de 2023. Nesse período, a pesquisadora realizou entrevistas em forma de *pin ró ní*, que na língua Kaingang significa “ao redor da fogueira”. Nos encontros, compartilharam experiências para pensar questões referentes a ser mãe indígena na universidade. O método, genuinamente Kaingang, é para eles uma forma de manter as conversas sagradas e se conectar com a força ancestral.

Temporalidade e modos de vida

“Ditadura do relógio.” Esse termo é utilizado pela pesquisadora para especificar como os *Fóg* (não indígenas) vivenciam o tempo. Para os Kaingang, o tempo é mais lento e espaçado: “A gente vai almoçar quando nosso corpo pedir, a gente vai dormir quando o nosso corpo pedir, porque é um respeito com o espaço dele”, explica. Portanto, o ritmo – adocedor – da vida universitária é incompatível com isso.

A alimentação é um ponto de atenção: sagrada, deve ser realizada quando o corpo pede. No entanto, nos Restaurantes Universitários, os horários das refeições são definidos. Além disso, apesar de crianças de 0 a 5 anos que sejam filhas de estudantes de graduação e pós-graduação vinculados à UFRGS terem acesso aos RUs, as entrevistadas também consideram que a comida controlada não permite que mães comam e deem de comer às crianças. Além disso, as estudantes indígenas relataram, nas entrevistas, olhares de estranhamento e cenas de discriminação quando levam os filhos aos RUs.

Outro aspecto que dificulta a permanência das mães indígenas na Universidade é que, no modo de vida e na educação indígena, é incomum a separação entre mãe e filho, principalmente quando as crianças são pequenas, pois isso pode causar adoecimentos. A tribo Kaingang acredita que os filhos escolhem as mães muito antes da ligação umbilical. As mulheres da tribo têm a maternidade como algo sagrado, “a gente é cobrada a ter filhos, porque a gente acredita que só depois que você tem um filho que você se torna sagrada perante tua espiritualidade”, conta a pesquisadora.

A UFRGS, porém, não permite a habitação de crianças na Casa do Estudante (CEU). Antes de 2022, quando ainda não existia a Casa do Estudante Indígena, Rejane precisava manter seu filho escondido na CEU por períodos que chegaram a quatro meses. Além disso, explica que não conseguia estudar sem ele por perto. Os relatos das outras mães indígenas da Universidade são compostos de cenas de preconceito e dificuldades semelhantes.

Os Kaingang possuem um sistema familiar dualista, com os *Kamê*, guerreiros e ligados ao sol, e os *Kairu*, ligados às práticas espirituais e à lua. Ambos os nomes se referem ao parentesco extenso e descendente de dois irmãos que, segundo a crença Kaingang, criaram as formas de vida e povoaram a terra. Os casamentos que se complementam são honrados pelos *Jagrê*, espíritos da mata.

Rejane é *Kamê* e casou-se com outro *Kamê*. Nos primeiros meses de vida, seu filho, Gustavo Kafág, teve problemas de saúde: Rejane teve que realizar ritos para que ele ficasse vivo, pois ele sentia a dor de sua metade *Kairu* faltante. Assim, a presença do filho é de muita importância para a pesquisadora e sua falta causa preocupação. Apesar de não ter sido um dos entrevistados formais da pesquisa, algumas falas de Gustavo, hoje com 10 anos, são destacadas no trabalho, como a que ele diz: “Nós, indígenas, somos assim: onde a mãe vai, os filhos vão junto”.

Território indígena

A CEU, não pensada para acomodar crianças, forçava que as estudantes indígenas escondessem seus filhos, com medo de denúncias e consequente expulsão da Casa. Segundo a dissertação, o ambiente tinha um silêncio adocedor, que não sanava o choque cultural. Mesmo escondendo Gustavo, em um momento, Rejane teve de mandá-lo para a aldeia, e contou em cartas às parentes, anexas ao estudo, que ficou impossibilitada de estudar, afetada pela separação.

A Casa do Estudante Indígena foi, porém, conquistada em 2022 após a ocupação do antigo prédio da Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio (SMIC). Instalada na antiga Creche da UFRGS, no Câmpus Saúde, a CEI acomoda aproximadamente 11 famílias das etnias Baré, Potiguara, Guarani Nhândewa, Mbyá guarani e Kaingang. Apenas dois moradores não têm filhos.

Para a pesquisadora, essa conquista representa um fortalecimento do coletivo dos povos originários. É de grande importância para a manutenção de ritos, rezas, comidas típicas e outras experiências culturais tradicionais, que não podiam ser realizadas na CEU. Conforme Rejane, a CEI – território indígena e afirmação de suas identidades – representa uma ferramenta de luta que vai além do acesso e da permanência. No entanto, ela destaca as dificuldades estruturais e a precarização do prédio e reforça a necessidade de melhorias e manutenção.

Ela explica que o melhor caminho para a Universidade estar preparada para receber culturas diferentes é mais simples do que parece: com respeito à cultura e à diversidade do outro, com diferentes modos de vida e perspectivas. A imposição de vida dos não indígenas e o não reconhecer essas diferenças dentro da instituição os machuca. Com o estudo, Rejane pretendeu trazer as vozes das mulheres indígenas para valorizar seus conhecimentos, *ég vófy tí kán ka ri ke* (como quando um cesto é finalizado). “A minha dissertação mostra o quanto ainda a universidade é violenta, porque ela nos traz o melhor, ela dá acesso para esse espaço, mas ela nega uma permanência.” Nas próximas semanas, o trabalho de Rejane estará disponível na íntegra no Lume – Repositório Digital da UFRGS.

:: Posts relacionados



Trabalho remoto pode repercutir diretamente na saúde física e mental, aponta dissertação



Pesquisa avalia relações entre distúrbios do sono e estresse pós-traumático



Tese com interface em comunicação e saúde estuda recepção de campanhas de prevenção ao suicídio entr...



Pesquisa escuta crianças e adolescentes em cuidados alternativos para analisar seus acessos a direit...

Realização



Apoio



Parceiros

: Pró-Reitoria de Pós-Graduação
: Zenit – Parque Científico e Tecnológico da UFRGS
: Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico
: Rádio da Universidade
: UFRGS TV
: Comissão Assessora de Edição de Periódicos
: Disciplina “Do laboratório para a sociedade: técnicas de divulgação para a sociedade de avanços científicos desenvolvidos na UFRGS”

Contato

Jornal da Universidade
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS
Av. Paulo Gama, 110 | Rêitoria – 8. andar | Câmpus Centro | Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP: 90040-060
3308 3368
jornal@ufrgs.br

